

programação da cinubiteca

www.labcom.ubi.pt/cinubiteca

universidade da beira interior

licenciatura em cinema

05 | maio | 04

ciclo { cinema experimental }*



one + one

1968 . UK . 100'

realização e argumento

Jean-Luc Godard

imagens

Arthur Bradburn

Derek Ball

música

Rolling Stones

"Sympathy for the devil"

do álbum "Beggar's Banquet"

montagem

Ken Rowles

assistentes de realização

Tim Van Rellim

John Stoneman

intérpretes

Rolling Stones

Anne Wiazemsky

Ian Quarrier

Frank Dymon

Bernard Boston

Jack Hazan

produção

Cupid Productions

Michael Pearson

Ian Quarrier

> Perguntaram a Jean-Luc Godard: *E se tivesse de conservar só uma imagem dos seus filmes?* Respondeu: *Pessoalmente não conservaria nenhuma. Mas creio que, pelo menos espero, as pessoas se lembrarão que havia coisas possíveis.*

Du moins j'espère que les gens se souviendront qu'il y avait des choses possibles

Jean-Luc Godard conseguiu logo fazer um primeiro filme de ruptura que foi um grande sucesso, *À Bout de Souffle*. Pode ter sido um acaso dos deuses, mas mesmo assim não é um acaso fácil porque os deuses nunca estiveram para facilidades. De Godard gostaria passar não esse, mas *Alphaville*, ou *Made in USA*, ou *Week End*... Mas... é assim. Podia continuar, neste quadro, o «cinema experimental», com Paul Morrissey... Mas... também não era por aí... Basta... quer dizer, há muitas coisas, ficam sempre muitas coisas... De repente, digamos que me apeteceu ir para França. E é verdade que os filmes têm muito que ver com as circunstâncias... a França é uma circunstância e também foi lá, circunstancialmente, que os irmãos «Luz» puseram a coisa a funcionar. As circunstâncias, as épocas e os lugares: os filmes são muito isso. Mas não é só por isso, é porque faltavam dois filmes e era preciso meter Godard. Absolutamente, como diz o outro. E, no caso, «experimental». *Alphaville*, *Made in USA*, *Week End* podiam ser, mesmo no contexto «cinema experimental». E todo o Godard é essencialmente experimental, fortessamental, etc. Mas preferi um filme que... um filme um tanto refractário dentro do Godard... Um filme que... Estamos na escola... Tinha de meter Godard... A questão não é só pessoal, apesar de, pessoalmente, ter aprendido muito, quase tudo com ele: uma certa alegria, uma certa emoção, vontade. Não é só pessoal porque Godard é um dos maiores artistas do século XX - ele que disse ser Hitchcock o maior artista do século XX: tudo o que se faz hoje nas imagens nos mais variados campos, quando se faz, provém de Godard. É preciso ver para ver, não se consegue ver sem ver.

De modo que, neste caso, e não é que seja aí que se veja mais, *One+One* ou, em inglês, *Sympathy for the Devil*... (Há aliás uma história nisto, parece que há dois filmes, duas versões, uma de 110m, outra de 99m, com títulos diferentes. Quando o filme foi exibido pela primeira vez no London Film Festival, a 29 de Novembro de 1968, Godard procurou parar a projecção, altercando-se com o produtor. Não interessa aqui para o caso... Teria de voltar a ver o filme para me certificar, mas tudo indica que esta versão é a que foi feita à revelia de Godard... Coisas com o genérico e com a parte final, não sei bem... Bom, o fundamental mantém-se e o filme pode ser visto e ouvido.) É a comédia musical de Godard. Os Rolling Stones - *please allow me to introduce myself*,

canta repetidamente Sir Mick Jagger - estão um pouco por acaso, eles aceitaram, só isso. Filmar e escutar a música. É preciso ver para ver. Para Godard, a câmara não é um brinquedo, como o «consumo» quer que seja (sair com a câmara para a rua sem ser para fazer qualquer coisa de preciso parece-lhe absurdo), mas sim um telescópio e um microscópio: é para ver, se possível melhor, se possível de outra maneira.

Na obra de Godard estabelecem-se períodos e parece que qualquer coisa começa e acaba a partir de 1967 com *La Chinoise* e prossegue depois com o Grupo Dziga Vertov, depois ainda com *Numéro deux* até *Sauve qui peut (la vie)*, de 1979. É a vida. Ele que divide a vida por períodos de dez anos e diz que aqui, no Verão de 1968, estava no final da terceira vida e no início da quarta e sentia-se completamente perdido. Estar completamente perdido é talvez o momento justo para experimentar. Ele queria filmar e escutar a música, sabia que tinha de mover lentamente a câmara para isso: «escutando sempre mais ou menos o mesmo, para ver se conseguia partir da música. Para mim era só um ponto de partida. Em geral utilizei-a sempre de um modo banal, não percebo muito e usei-a como comentário, como *voz off* em certos momentos, para juntar sentimento ou poesia... mas um pouco como se junta ketchup a um MacDonald's. (...) Sempre me perturbou... enfim, intrigou, precisamente o facto de os músicos não terem necessidade de imagens, ao passo que as pessoas que fazem imagens necessitam de música. Sempre me apeteceu, quando há uma cena de guerra... dá no mesmo que seja um filme americano ou um filme psicológico, uma cena de amor... e se ouve logo música, sempre me apeteceu que se pudesse fazer uma panorâmica ou um travelling e que se pudesse ouvir ao mesmo tempo a orquestra. E voltar depois à cena, quer dizer, que a música pudesse ganhar relevo no momento em que já não é preciso ver a imagem, e que pudesse expressar outra coisa.» (Jean-Luc Godard, *Introducción a una verdadera historia del cine*)

Das panorâmicas no estúdio onde os Stones trabalham a canção passamos às discussões de um conjunto de membros do Black Power, a uma muito bela entrevista a Eva Democracia que responde somente sim e não, etc. Mas não é isso: é a panorâmica, mais uma vez. Lembro-me das panorâmicas belíssimas no ferro velho onde se juntam os Black Power. E os discursos tomados à letra. Os travellings e as panorâmicas: em Godard parece que têm que ver com as coisas... uma coisa só dele. Em Resnais, por exemplo, pelo contrário, parece que são indiferentes às coisas. Não menos belos num caso e noutro... <

*{ Programação da responsabilidade de Edmundo Cordeiro }

exibição

05 | maio | 04

17h00

cinubiteca

{anf.1}